



ALDA LARA: O POEMA COMO INSTRUMENTO DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA ANGOLANA.

Maria Eliane Maciel Pontes¹

As literaturas africanas de Língua Portuguesa adquirem sua maioridade a partir do século XX, quando começam a se afastar da influência da Literatura Portuguesa. A rasura do eurocentrismo, pelos intelectuais da África, estimula a produção literária desse País nas décadas de 40 e 50, impulsionada pelos movimentos estudantis africanos, da “Casa dos Estudantes do Império”, que ganha reconhecimento nos meios acadêmicos ocidentais.

Em Angola, como em todo o mundo, a literatura nacional não aparece espontaneamente. Vários são os antecedentes e os percussores que influenciaram sobremaneira seu caráter social, estético e cultural, principalmente no que diz respeito à poesia.

Alda Lara² figura com propulsora na poesia no cenário literário angolano. A poesia da autora sempre se caracterizou pela defesa dos oprimidos, elegendo dentre estes, particularmente, as mulheres e as crianças, embora abordando temas como fraternidade, solidariedade e paz.

Depois da sua morte, a Câmara Municipal Sá da Bandeira instituiu o Prêmio Alda Lara para poesia. Orlando Albuquerque propôs-se editar-lhe postumamente toda a obra e nesse caminho reuniu e publicou já um volume de poesias e um caderno de contos. Alda Lara colaborou em alguns jornais ou revistas, incluindo a *Mensagem*.

A rasura do eurocentrismo pelos intelectuais africanos impulsiona a produção literária da África nas décadas de 40 e 50, instigada pelos movimentos estudantis africanos, da “Casa dos Estudantes do Império”, ganhando reconhecimento nos meios acadêmicos ocidentais.

A partir da década de 50, inicia-se nos países africanos colonizados por Portugal uma literatura voltada para a afirmação, criticando-se o colonialismo, o racismo e a escravidão. A escritura africana torna-se um instrumento de rompimento político-sócio-cultural contra as injustiças e as desigualdades impostas pelo domínio europeu, buscando entender os países africanos como Nações independentes.

Partindo desse pressuposto percebe-se que “a cultura política negra moderna” (HALL, 1997, p. 65) esteve sempre interessada na relação de identidade e nas políticas culturais das diferenças,

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB; Pós-graduada em Estudos Lingüísticos e Literários, pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. E-mail liupontes@hotmail.com.

² Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque nasceu em Benguela (conhecida cidade africana como a terra das “morenas bonitas”) - Angola em 09/06/1930 e faleceu em Cambambe- Angola, em 30/01/1962.



que leva a uma transformação de cultura mundial, tornando-se projetora das “novas identidades” embora,

[...] a identidade cultural representa uma questão não resolvida (e talvez nunca seja) nas chamadas nações do velho mundo, no Brasil e em outros países integrantes da América pós-colonial isso se agrava, pois há problemas ainda maiores para lidar com realidades nas quais as diferenças étnicas, sociais e políticas não coexistem tão harmonicamente como se deseja crer e as estratégias, em especial, as oficiais, para lidar com a hibridação cultural têm-se mostrado ainda pouco eficientes. (SANTOS, 2006, p.22).

Segundo Hall (1997), a metáfora da nação é construída através da articulação de significados que organizam e delimitam a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e a comunidade a qual está inserido “[...] É tempo companheiro! Caminhemos... longe a terra chama por nós, e ninguém resiste à voz da terra [...] (LARA, 1966, p. 116-118), um processo marcado por uma dinâmica que procura anular diferenças e,

[...] se na singularidade, este homem é ser que se reconhece, é caminho que se busca a si mesmo, querendo autocompreender-se, ele então é perspectiva, projeto que se alinha e se sintoniza como o homem que constrói, que é experiência, portanto, esse homem também é passado. (SOUZA, 2008, P. 20-21).

Nesse sentido, a constante preocupação dos poetas africanos em perceber o indivíduo na sua singularidade pode ser vista como um mecanismo de resistência e contraposição a um discurso que tenta legitimar uma visão unívoca e totalizadora.

A poesia, em particular, assume o papel de denúncia, de forte impacto social buscando, em seus versos, mostrar o que é “ser africano”. A oralidade desta poesia, que se utiliza da língua africana traduz-se numa forte “arma” contra o poderio do colonizador, pois, desta forma, despreza o idioma deste.

Dentre as diferentes vozes que se alinham no desejo de consolidar um projeto de descolonização, depara-se com a “visibilidade” de uma escrita de mulheres que se esforçam por desvendar o modo de como elas percebem as relações de poder que permeiam o seu dia-a-dia: “[...] Olham com olhos no chão, falam com falas macias. Não são alegres nem tristes. São apenas como são todos os dias.” (LARA, 1966, p. 63).

Alda Lara figura com propulsora na poesia no cenário literário angolano. Autora de *Poemas* (1966), *Poesia* (1979) e do livro de contos *Tempo de Chuva* (1973), sua obra prima por abarcar questões da mulher angolana na busca de seu espaço no cenário africano. Nesse espaço, a literatura transmuda-se num veículo essencial desse projeto, no momento em que procura dar expressão a uma africanidade que se afirma como marca de diferença.

Com uma pequena, mas instigante produção literária, Alda Lara contribuiu para a formação de escritoras africanas, dando impulso para que outras mulheres pudessem escrever. Nos poemas da



escritora a busca de sua identidade, das identidades construídas ao longo dos tempos na sua terra, na Mãe - África é uma constante.

Segundo Hall (1997), a metáfora da nação é construída através da articulação de significados que organizam e delimitam a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e a comunidade a qual está inserido: “[...] É tempo companheiro! Caminhemos... longe a terra chama por nós, e ninguém resiste à voz da terra [...]” (LARA, 1966, p. 116-118).

A literatura angolana, sob a forma escrita, sedimenta-se apenas no século XIX. Porém, a criação verbal oral é bem mais antiga. Remonta aos primórdios da própria comunicação humana. Por isso, qualquer definição de literatura angolana, em tempos coevos, não pode perder de vista aquele segmento a que se chama oratura ou literatura oral. A literatura africana de expressão portuguesa reflete um texto baseado na tradição oral do negro, embora não sejam excluídas as personagens europeias. É o africano o sujeito da enunciação que nega a legitimidade do colonialismo, valorizando a raiz e o universo de sua terra África.

Quando se trata das literaturas de ex-colônias, nota-se que o contexto em que está inserido aproximam-se, assim como o posicionamento dos escritores, que assumem uma postura crítica diante da realidade que os envolve como ser social e político, ser que deseja ver e rever a sua história, agora contada por outras vozes, as dos sujeitos dessa história. A literatura desses países africanos, inclusive a de Angola, está profundamente marcada pela História, buscando revelar a dimensão do passado colonial:

[...] E apesar de tudo, ainda sou a mesma! Livre e esguia, filha eterna de quanta rebeldia me sagrou [...] Sem dores nem alegrias, de tronco nu e corpo musculoso, a raça escreve a prumo a força destes dias... E eu revendo ainda, e sempre, nela, aquela longa história incoseqüente... (LARA, 2004, p. 59-60).

E nessa postura crítica, Alda Lara, tece sua narrativa com elementos de um cotidiano desconhecido pela História Oficial, mas que a compõem dando-lhe sentido sejam esses elementos de um passado ancestral, vivenciados num tempo mítico, sejam eles mais recentes, de tempos de dominação colonial:

Terra das acácias, dos dongos, dos colios baloiçando, mansamente... Terra!/ [...] Pela estrada desce a noite... Mãe-Negra, desce com ela... Só duas lágrimas grossas, em duas faces cansadas. Mãe-Negra tem voz de vento, voz de silêncio batendo.”(LARA, 2004, p.40 /59).

No século XX, mais especificamente após 1945, com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial, dados externos como a descolonização, o declínio da Europa, a emergência de novos poderes levaram a um repensar do papel da Europa na história mundial e a um questionamento da abordagem eurocêntrica, levando-se a modificações na maneira de estudar a História.



Apesar da relutância de alguns pesquisadores em aceitar o texto oralizado como legítima fonte documental, historiadores que tentam estudar a experiência das pessoas comuns têm recorrido com frequência à história oral, mas enfrentam nesse estudo problemas ao tratar de pessoas que morreram antes de serem gravadas suas histórias ou cuja memória foi perdida por seus sucessores, e o tipo de testemunho direto que pode obter é negado aos historiadores dos períodos mais antigos.

Muito desses problemas reside no fato de que os *griots*³, arquivos vivos da África tradicional, estão desaparecendo e, com eles, boa parte da história de grupos étnicos que vivem ampla diversidade cultural. Acrescentando-se a seu trágico desaparecimento, o desinteresse dos jovens em passar pelas escolas inciatikas ou dar prosseguimento a certas tradições, hábitos, costumes ancestrais por julgá-los ultrapassados e sentirem-se mais atraídos pelos chamados das grandes cidades:

[...] Que é feito desses meninos que ela ajudou a criar?...Quem ouve agora as histórias que costumava contar?... Os teus meninos cresceram e esqueceram as histórias que costumava contar... Muitos partiram p'ra longe, quem sabe se hão-de-voltar!... (LARA, 2004, p.40)

As narrativas literárias, sejam elas quais forem, tentam traçar uma conexão com a realidade e a experiência do autor. Quando se fala em literatura africana, essa ligação com a história faz-se ainda mais presente. Devido aos anos de colonização, de massacre contra a população nativa, de desregulamento da vida de seus povos, os autores e intelectuais africanos sentem-se comprometidos e com uma vocação de escrever sobre seu passado para recontar a história dos povos africanos sob a ótica deles mesmos: “[...] E do ventre de além-mundo, sete crianças gritando. Na boca dos fuzilados... Sete crianças gritando. Ecos de dor e renúncia pela vida que não veio.” (LARA, 2004, p. 31).

Nos seus poemas, Alda Lara foge das descrições dos cenários africanos, presentes na chamada “literatura exótica”, em que paisagens e homens, eram apresentados em vários momentos do período colonial ou nas cartas e crônicas enviadas ao Rei de Portugal pelos visitantes, como “objetos” de venda da diferença exótica e de divulgação da superioridade européia.

Segundo Chaves (2007), “no texto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalistamente, o que, quando acontece, já é um avanço, porque a norma é a sua marginalização ou coisificação” (CHAVES, p.69, 2007). Sob

³ Assim eram chamados os contadores e guardiões da memória histórica da África que, ainda atuam isoladamente em algumas regiões da África Ocidental e que tiveram, há séculos, um vasto e importante papel na evolução e manutenção da cultura e tradição de todo continente africano. (LOPES, 2004, p. 153)



a luz dos estudos de Fanon (2008) vimos que, explicitamente, o colonizador estabeleceu uma relação social de “classes” definidas por raças como forma de “despersonalizar” o negro.

Os cenários poéticos criados com detalhes da natureza africana produzem outros significados na poesia de Alda Lara. As descrições apresentadas na poesia da autora são permeadas por um misto de mulher e Mãe-África, dando frutos e alimentando o sujeito poético, servindo como chuva que molha o chão da pátria, para que este reviva e gere em seu ventre materno um novo ser angolano repleto de vida e sonho: “[...] Mãe - África! Mãe forte da floresta e do deserto, ainda sou. [...] A dos coqueiros, de cabeleiras verdes e corpos arrojados sobre o azul... “. (LARA, 1966, p. 1-2).

A simbologia da Mãe-África, na qual a força da terra é personificada na figura feminino-materna “gera” o homem livre da escravidão/colonização, inscreve outro olhar que procura descrever os cenários da terra aquecida por um sol “esplendoroso e quente”. Um sol que representa a liberdade.

Segundo Bhabha (2005), analisar as obras de autores (as) que não só acompanharam, mas vivenciaram a relação colonizador-colonizado abre um espaço imenso de opções para discutir o ponto de vista. A construção desse discurso é interessante na medida em que articula um modo de pensar a Nação como uma pluralidade, em oposição à ideia de unidade, ocupando um lugar de enunciação que rejeita as categorias puras e elege a híbrida.

É dessa forma que Alda Lara pensava a sua Angola, na medida em que sua escritura traz para o centro do debate a chegada desses colonizadores e a maneira como a sociedade africana conviveu com a miscigenação, com a culminância de culturas externas.

Hall (1997) abre caminhos para compreensão de como a identidade deixou de ser um território bem demarcado e descentrou-se, passando a delimitar um espaço social transitório, isto é, segundo ele, tornou-se de certa forma um “rótulo”. A identidade vem sendo cada vez mais definida social, historicamente ou mesmo “narrativamente”, e não necessariamente a partir de seu referencial biológico ou de território. A questão da fragmentação da identidade tornar-se-ia ainda mais acentuada, pois as modernas sociedades contemporâneas sofrem inúmeras mudanças numa intensa velocidade.

No poema *Momento* de 1952, Alda Lara explicita a opressão intensa sofrida pelo seu povo, por isso é preciso considerar que, na poesia da autora, a descrição do horror e de atrocidades é utilizada intencionalmente, almejando descrever sentimentos de compaixão e repúdio. Aspectos que vão além de meramente descritivos: “[...] De borco, no chão impuro, eis!... sete mães soluçando...



Sete noivas implorando... E do ventre de além-mundo, na boca dos fuzilados vermelha de baba e sangue... Sete crianças gritando [...]”. (LARA, 2004, p. 31).

O impactante cenário de guerra, se intensifica através dos recursos “visuais” habilmente explorado pela poeta na referência à dor das mães, das noivas que, por uma brilhante e providencial estratégia discursiva de grande efeito, são todas do sexo feminino com o sentimento à flor da pele tornando-se “visíveis” ; na alusão às crianças numa referência aos filhos dos escravizados os quais não tiveram oportunidades de construir suas vidas em família em África.

A literatura angolana de Alda Lara, além de “Instrumento de afirmação da nacionalidade, é também um meio de mergulhar no país, num mundo de histórias não contadas ou até mal contadas pela chamada literatura produzida em tempos coloniais” (CHAVES, 2005, p. 54).

Quando Alda Lara começa a publicar seus textos no jornal chamado *Imbondeiro* (1961), Angola passava por um período de grande agitação, com muitas movimentações políticas em consequência da criação do MPLA em 1956. Ela pertence à geração de *Cultura (II)* nacionalista, comprometida com a luta de libertação nacional. Esse período também foi caracterizado pelo aumento de publicações de escritores angolanos. É nesta fase que a literatura angolana entra definitivamente na fase de produção de uma literatura revolucionária e nacionalista. Mulher, em meio a vários outros homens escritores, Alda enche a poesia angolana de “leveza e delicadeza”.

A poesia de Alda Lara dialoga, com a produção literária de outras autoras de países africanos de Língua Portuguesa, tais como Ana Paula Tavares (Angola-1985), Noémia Souza (Moçambique-1987) e Pauline Chiziane (Moçambique-1994). Essas escritoras, além de utilizarem a literatura como espaço de reflexão, constroem, através de seus escritos, a nação idealizada por homens e mulheres dos países africanos lusófonos.

Entre os temas propostos por essas novas escritoras, está o repensar da condição feminina num cenário marcado pela opressão como espaço vazio, feito de deslocamentos, silêncios, mudez, desencontro, entre-lugar, associada ao fragmentário e à multiplicidade, a mulher também é percebida como um adendo masculino, a fêmea enquanto anexo ao macho: “Desossaste-me cuidadosamente, inscrevendo-me no teu universo como uma ferida, uma prótese perfeita, maldita, necessário.” (TAVARES, 1985, p.30).

A partir da produção literária da escritora Alda Lara, pode-se observar vínculos entre o processo literário e o desenvolvimento histórico de Angola, mostrando quão interessante e complexa é essa interação.



A partir das análises desenvolvidas neste trabalho, revela-se que a literatura em Angola, assim como em outros países periféricos, tem procurado retirar o material que talvez possa proporcionar uma projeção do país para além dos limites territorialistas. Reelaborando a memória nacional, que agora, se assenta em matrizes africanas no dialogo universal com outras culturas, tenta-se recuperar uma História que só faz sentido se conseguir incorporar, as marcas até pouco tempo situadas à margem das noções dominantes de cultura.

Assim, analisando-se a poesia de Alda Lara, percebe-se que a relação de dominação masculina vigente na sociedade patriarcal e a conseqüente opressão da mulher estão presentes na escrita da escritora, e das escritoras que lhe sucederam como Ana Paula Tavares, Paulina Chiziane, Noémia Souza, as quais colocam em relevância a voz e o lugar sócio-cultural da mulher, denunciando as opressões e as discriminações, explicitadas ou não, praticadas dentro das sociedades das nações de que são porta-vozes.

Referências

- ALBUQUERQUE, Orlando. **Alda Lara - a Mulher e a Poetisa**. Publicações Imbondeiro, 1967.
- ALEXANDRE, Manuel; CARAPINHA, Rogério; NEVES, Dias (coord.). **PIDE, a história da repressão**. 3.^a ed., Fundão, Jornal do Fundão, 1974.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ALVES, Castro **Espumas Flutuantes: Navio Negroiro: Vozes d' África**. Brasília: Ed. Exército. 2005.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê editorial, 2007.
- _____. **A Formação do Romance Angolano**. São Paulo: FBLP, 1999.
- CHIAZINE, Paula. **Eu mulher, por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Opus Editora, 1994.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador; EDUFBA, 2008.
- FRY, P. H.. **Culturas da diferença: seqüelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral**. In: Afro - Ásia, Salvador, v. 29/30, p. 271-316, 2004.



- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em afrodições poéticas: Brasil e África portuguesa. In. MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (Org.). **Literatura feminina em África e na América Latina**. Lisboa, 1999.
- GOULD, STEPHEN JAY (1999), *A Falsa Medida do Homem*, São Paulo, Martins Fontes, 2.a ed.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- YATES, Frances A. **A arte da memória**. Tradução de Flávia Bancher. São Paulo: UNICAMP, 2007.
- LARA, Alda. . **Poemas**. Luanda: Maianga, 2004.
- LOPES, Nei. **Encicoplédia brasileira da diáspora**. São Paulo: Selo negro, 2004
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**, São Paulo, n 10, p.7-28, dez. 1993.
- ROSA, Patrícia Simões de Oliveira Rosa. **João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira: a palavra em liberdade**. Disponível em: http://www.catjorgedesena.hpg.ig.com.br/html/textos/patricia_rosa.pdf. Acesso em: 17 mai. 2009.
- SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Da Ruptura à consolidação: um esboço do percurso literário angolano de 1948 a 1975. In: **Revista Publicatio da UEPG Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**. Ponta Grossa, n. 15, p. 31-42, jun. 2007. Disponível em: <http://www.uepg.br/prospesp/publicatio/hum/2007_1/donizeth.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2009.
- SANTOS. José Henrique de Freitas. **Afroplagicombinadoresciberdélitos: afrociberdia e plagicombinação nas letras de Chico Sceince & nação zumbí**. Salvador: Quarteto, 2006.
- TAVARES, Paula. Cerimônias de passagem. In: _____. **Ritos de passagem**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.